



## A DEFESA ANTIMÍSSEL E O CENÁRIO GEOPOLÍTICO MUNDIAL

Cap George KOPPE Eiriz

Curso de Formação de Oficiais de Artilharia – AMAN 2002

Curso de Artilharia de Costa e Antiaérea – EsACosAAe 2006

Mestrado em Operações Militares – EsAO 2010

Curso Expedito de Apoio de Fogo Naval – CAAML 2013

Pós-graduação em História Militar Brasileira – UNIRIO 2009

Pós-graduação em Relações Internacionais – IUPERJ 2013

Adjunto da Divisão de Doutrina e Pesquisa da EsACosAAe

### RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar um panorama geral e atualizado da defesa antimíssil e os seus reflexos no jogo de poder dos atores do sistema internacional. Para atingir esse objetivo, será citado o histórico da defesa antimíssil em âmbito mundial, de forma a pontuar a importância do tema e a evidenciar que as questões concernentes ao assunto são recorrentes nos debates geopolíticos do cenário global. Os Estados Unidos da América assumem o papel de protagonista no desenvolvimento tecnológico e no emprego de sistemas de interceptação de mísseis de longo alcance e, sob o discurso de conter a utilização de mísseis de alcances continentais e de armas de destruição em massa (WMD) por “Estados bandidos” (*rogue states*), aquele país tem buscado o estabelecimento de programas de alianças regionais e bilaterais na Europa, Oriente Médio e na Ásia oriental, tudo com o intuito de aquilatar países parceiros na hospedagem de sensores de longo alcance, interceptadores e de instalações que tornem possíveis o estabelecimento de uma rede mundial interligada capaz de se contrapor ao lançamento de quaisquer meios de lançamento aéreo de WMD por

parte dos inimigos de Washington. No entanto, em cada continente supracitado, a percepção das ameaças externas, da política interna e dos objetivos estratégicos dos países aliados influi na consecução dos programas de defesa antimíssil e no balanço de poder regional.

**Palavras-chave:** Defesa Antimíssil; mísseis balísticos de longo alcance; interceptadores; jogo de poder; alianças.

### 1. INTRODUÇÃO

Um dos efeitos mais interessantes da defesa contra mísseis balísticos (mundialmente conhecida pela sigla BMD<sup>1</sup>) é como ela influencia a relação entre os Estados. As décadas de tensão constante entre Washington e Moscou acerca da defesa estratégica são parte da história do século XX. A perspectiva de emprego desses artefatos militares com grande poder de destruição pode alterar a situação do tabuleiro no jogo de poder dos grandes atores do cenário internacional, ao mesmo tempo em que promove Estados dotados de veículos lançadores de ogivas nucleares, antes irrelevantes no sistema internacional, à categoria de *global players* diante dos planejamentos militares da potência hegemônica.

<sup>1</sup> Ballistic Missile Defense.

Segundo Weitz (2013), os EUA se veem como o “coração” da política de defesa antimíssil a nível mundial. Seu papel de liderança no desenvolvimento e emprego de tecnologias BMD e o estabelecimento de uma rede de alianças os fortalecem e obrigam a defender uma boa parte dos Estados contra países considerados seus inimigos. Tais alinhamentos permitem que o Pentágono declare urgente a construção de uma rede global de instalações e sensores para levar adiante uma BMD eficiente e de pronta resposta.

Nos dias de hoje, mais de 30 países já possuem ou estão em vias de adquirir mísseis de médio e pequeno alcances, aptos para despejar cargas úteis convencionais a grandes velocidades e distâncias. Alguns deles estão tentando desenvolver mísseis de longo alcance dotados de ogivas nucleares, químicas ou biológicas capazes de carregar armas de destruição em massa.

Com a intenção de persuadir principalmente a Coreia do Norte e o Irã a interromperem os seus programas de armas nucleares, os EUA não só têm empregado tropas em várias regiões do globo com capacidade de interceptação a altitudes orbitais e a alcances continentais, como também tem oferecido aos seus aliados, nesse propósito, diversas garantias de segurança, as quais incluem o compromisso de empregar capacidades nucleares potenciais para protegê-los, caso seja preciso.

O artigo em tela se propõe a citar o histórico da defesa antimíssil em escala mundial após a Segunda Guerra Mundial e a traçar um panorama das influências e do jogo de poder interestatal nas regiões onde os Estados Unidos da América

têm investido em parcerias no intuito de promover sua política de expansão de sistemas de defesa antimísseis, a saber: a Europa, o Oriente Médio e a Ásia oriental.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Histórico da Defesa Antimíssil no Mundo

O histórico da Defesa Antimíssil em escala global confunde-se com a própria evolução dos Sistemas de Defesa Antiaérea de Longo Alcance dos Estados Unidos. Finda a Segunda Guerra Mundial, os EUA possuíam plenas condições políticas e econômicas favoráveis ao desenvolvimento do seu arsenal militar para promover a dissuasão em âmbito estratégico.

Em 1947, com a separação entre o Exército e a Força Aérea dos EUA, a função de prover a defesa antiaérea baseada em solo ficou a cargo do *US Army*<sup>2</sup>, a qual evoluiria, futuramente, para a constituição de uma Defesa Antimíssil Nacional.

Na década de 1950 surgiu o Projeto Nike, cujo protagonista foi o míssil antiaéreo de longo alcance Nike Zeus. Sua cabeça-de-guerra podia ser detonada a uma altitude de 100 km e logo o programa de desenvolvimento de interceptadores de longo alcance estadunidense passou a conceber o emprego do Nike Zeus nas regiões polares contra possíveis ameaças de mísseis balísticos intercontinentais (ICBM)<sup>3</sup> da União Soviética dotados de ogivas nucleares. Contudo, o projeto foi cancelado em 1961.

Em 1960, em substituição ao Projeto Nike, foram criados os Projetos *Defender* e *BAMBI*<sup>4</sup>, concebidos para disparar mísseis interceptadores de ICBM soviéticos a partir de plataformas satelitais em órbita sobre

<sup>2</sup>Exército dos EUA.

<sup>3</sup>Intercontinental Ballistic Missile.

<sup>4</sup>Ballistic Missile Boost Intercept.



o território da URSS. Ao invés de utilizar ogivas nucleares, os mísseis do Projeto BAMBI empregariam uma complexa rede eletrônica com o objetivo de tornar os mísseis balísticos de Moscou inertes logo na fase inicial da trajetória (*boost phase*). Como nenhuma solução para a proteção das plataformas satelitais foi encontrada, o programa foi suspenso em 1968.

Ainda no início dessa década, mais precisamente em outubro de 1962, a crise dos mísseis em Cuba, considerado o episódio mais tenso no auge da Guerra Fria, no qual o mundo esteve na iminência de uma hecatombe nuclear, refletiu que a real capacidade dissuasória de ambos os contendores no contexto de um mundo bipolar levou os decisores políticos e estrategistas militares a não prosseguir com as suas intenções. O presidente Nikita Krushchev decidiu retirar os mísseis *R-12 Dvina* (designação OTAN: *SS-4 Sandal*) e *R-14 Usovaya* (*SS-5 Slean*) da ilha comunista, ao passo que o presidente John Kennedy se comprometeu a retirar o arsenal nuclear estadunidense da Turquia, bem como abandonar o objetivo de invadir Cuba (ARAÚJO, 2012). Posteriormente, essa doutrina de estratégia militar e de política de segurança nacional de utilização de armas de destruição em massa, capazes de aniquilar tanto o atacante como o defensor, receberia o nome de Destruição Mútua Assegurada (MAD)<sup>5</sup>.

Em 1963, Robert McNamara, então secretário de Defesa dos EUA, anunciou a criação do Programa *Sentinel*, destinado a prover uma defesa antimíssil para a

maioria do território do seu país. O sistema consistia de mísseis de longo alcance *Spartan* e de curto alcance *Sprint*, ambos associados a sistemas de radar e computadores. Todavia, autoridades militares e estrategistas políticos levantaram uma série de óbices que poderiam advir com tal iniciativa, tais como: a escalada de uma corrida armamentista para sistemas de mísseis defensivos e a preocupação com a opinião pública concernente a detonação de cabeças-de-guerra nucleares sobre o território nacional.

A partir de então, iniciando pelo Tratado Antimísseis Balísticos de 1972 e suas evoluções e prosseguindo nas inúmeras edições do START<sup>6</sup>, os Estados Unidos e a Rússia se comprometeram em reduzir, paulatinamente, a quantidade de suas ogivas nucleares e meios de lançamento (bombardeiros estratégicos).

Contudo, no dia 13 de junho de 2002, os EUA se retiraram das condições estabelecidas pelo Tratado ABM<sup>7</sup> e a Rússia, por sua vez, no dia seguinte, declarou-se não participante das cláusulas anteriormente definidas pelo START II (cujo objetivo era banir mísseis balísticos intercontinentais do tipo MIRV<sup>8</sup>).

Atualmente, o debate acerca da relevância da defesa antimíssil é novamente levantado pelos EUA, particularmente na questão do estabelecimento do escudo antimíssil europeu, sob o discurso da necessária proteção do Ocidente contra a ação dos chamados *rogue states*<sup>9</sup>, tais como: Coreia do Norte, Irã, Líbia (e porque não dizer, na concepção estadunidense, a própria China) (ZAGO, 2008).

<sup>5</sup>Mutual Assured Destruction.

<sup>6</sup>Strategic Arms Reduction Treaty (Tratado de Redução de Armas Estratégicas).

<sup>7</sup>Anti-Ballistic Missile.

<sup>8</sup>Multiple Independently Targetable Reentry Vehicles (Um ICBM desse tipo pode lançar de 3 a 12 cabeças-de-guerra nucleares sobre alvos múltiplos, conferindo grande vantagem ao primeiro atacante).

<sup>9</sup>Algo como "Estado fora da lei" ou "Estado bandido".

Tal fato tem gerado repercussões políticas nos possíveis candidatos europeus hospedeiros da estrutura necessária para o estabelecimento desse escudo e na Rússia, a qual se sente diretamente ameaçada, bem como as possíveis consequências para o Estado de Israel (vizinho de alguns *rogue states*) e mesmo para os aliados estadunidenses no sudeste asiático, agora esfera de influência chinesa.

## 2.2 EUA e o estudo antimíssil europeu

O *Ballistic Missile Defense Review Report*, documento emitido pelo Departamento de Defesa dos EUA em fevereiro de 2010, apresenta um resumo das ações estratégicas daquele país em âmbito mundial para o estabelecimento de uma defesa antimíssil eficaz.

O preâmbulo assinado pelo Secretário de Defesa, Robert Gates, cita o seguinte:

*"a proteção dos EUA contra a ameaça de ataque de mísseis balísticos é uma questão de segurança nacional crítica. As ameaças perpetradas contra as nossas forças militares e aliados crescem rapidamente. Essas ameaças trazem consigo importantes consequências para a projeção de poder no cenário internacional para prevenir e impedir futuros conflitos"<sup>10</sup>.*

Na sequência do mesmo documento, no tópico concernente à defesa do território nacional, são elencadas as capacidades que deverão ser asseguradas pelos EUA para tornar possível a consecução dessa estratégia, a saber:

a. Manter a prontidão e continuar a desenvolver capacidades operacionais

já existentes no Forte Greely (Alasca) e na Base Aérea de Vandenberg (Califórnia);

- b. Completar o segundo campo dos catorze silos no Forte Greely para salvaguardar a possibilidade de desdobramentos adicionais que se fizerem necessários;
- c. Desdobrar novos sensores na Europa para melhorar a precisão contra mísseis lançados contra o território dos EUA pelo Irã ou por quaisquer outros potenciais adversários no Oriente Médio;
- d. Investir em novos desenvolvimentos do sistema de mísseis SM-3 (*Standard Missile 3*) para futuros desdobramentos de bases terrestres caso a ameaça de ICBM perdure;
- e. Aumentar investimentos em sensores e sistemas de interceptação de mísseis inimigos no início da trajetória para auxiliar a subjugar as suas contramedidas de defesa; e
- f. Procurar novas melhorias nos sistemas de Defesa de Médio Curso (GMD)<sup>11</sup>, desenvolver as capacidades de defesa antimíssil da próxima geração e avançar em outras estratégias defensivas, as quais incluem o desenvolvimento e avaliação de um interceptador baseado em terra de dois estágios.

Nos dias atuais, segundo Kozin (2007), tal infraestrutura de defesa antimíssil balístico multicamadas do teatro se compõe de: interceptadores de longo alcance *Patriot PAC-3*; sistemas de defesa antimíssil *Aegis* e SM-3 embarcados em cruzadores e destróieres que navegam próximo à Europa e na Ásia; unidades

<sup>10</sup>US Department of Defense, *Ballistic Missile Defense Review Report*, Feb. 2010, p. i.

<sup>11</sup>Ground Midcourse Defense.



adicionais do sistema antiaéreo de muito longo alcance THAAD<sup>12</sup> em território asiático; interceptadores integrados israelenses *Arrow* no Oriente Médio; a plataforma avançada do Radar de banda X (AN-TPY-2) no Japão e no Alasca e o Centro de Controle de Fogo Inicial Global Integrado<sup>13</sup>, localizado no Centro de Operações Aéreas do Pacífico, no Havái.

As intenções norteamericanas de desdobramento de parte dessa complexa infraestrutura de defesa antimíssil na Europa (Figura 1) têm provocado

### European Components – How It Works (Notional)

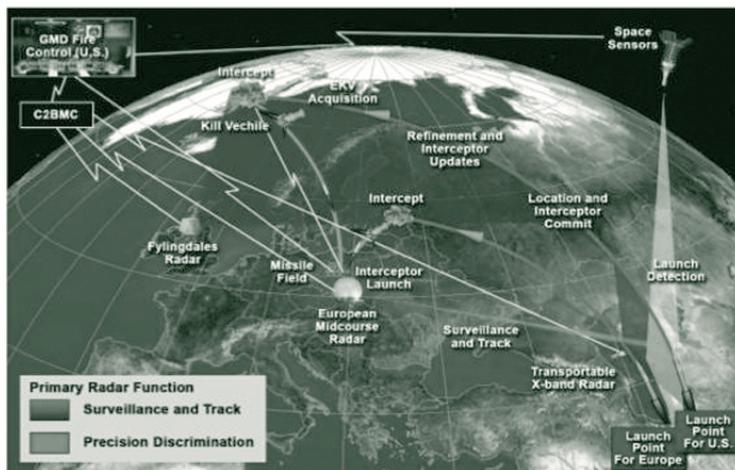


Figura 1 – Componentes europeus do escudo antimíssil

Fonte: <http://iamisatthedoors.wordpress.com/2012/06/12/defense-or-missile-offense-u-s-nato-global-missile-shield-undermines-world-strategic-stability/>

reações antagônicas por parte das autoridades russas. Estas não manifestaram o desejo de acreditar nos pretextos dúbios de defesa contra armas balísticas lançadas pelo Irã e pela Coreia do Norte. O governo russo alega que a presença de instalações de defesa estadunidenses

próxima à fronteira da Rússia enfraquece a capacidade nuclear de seu país e debilita a equação estratégica entre Moscou e Washington (KOZIN, 2007).

A Rússia alega que, pela primeira vez em quase meio século de confrontação nuclear, novos elementos do escudo estadunidense seriam movidos para um lugar tão próximo do território russo, a cerca de menos de 400 km da região de Kaliningrado, enclave russo no Báltico, e, aproximadamente, a 1000 km dos centros industriais russos localizados na

região fronteira com a Ucrânia e Bielorrússia.

Em segundo lugar, caso se aceitasse que os interceptadores europeus não fossem equipados com ogivas nucleares ou convencionais, o governo russo não teria a garantia de que, em uma situação

de iminente conflito, os EUA não aumentariam rapidamente a quantidade de mísseis e os converteriam em lançadores de artefatos nucleares.

Em terceiro lugar, Moscou acredita que os futuros sítios de defesa antimíssil europeus não operariam independentes do restante dos arsenais estratégicos estadunidenses espalhados pelos demais continentes. Pelo contrário, os planos de Washington de instalar infraestruturas do sistema de defesa na Polônia, Romênia e

<sup>12</sup>Terminal High Altitude Area Defense.

<sup>13</sup>Initial Global Integrated Fire Control.

República Tcheca (com outro potencial hospedeiro de um sítio de radar de longo alcance, a Hungria) confirmam que a futura arquitetura BMD funcionaria de forma integrada.

Em quarto lugar, a Rússia teme que os locais de desdobramento dos sensores e armamentos não se restrinjam aos países acima mencionados, mas que também se proliferem por outros países europeus (é válido lembrar que já existem instalações semelhantes na Dinamarca e no Reino Unido).

Ao menos quinze países mostraram interesse em participar dessa cooperação interestatal e há um forte sentimento que o próprio programa do escudo antimíssil da OTAN<sup>14</sup> - o ALTBMD<sup>15</sup> - deve estar diretamente integrado com elementos norteamericanos na Europa (KOZIN, 2007).

Em julho de 2009, os presidentes Barack Obama e Dmitry Medvedev concordaram em debater as ameaças conjuntas à Europa e Rússia, ao mesmo tempo em que a OTAN convidou o governo russo para discutir uma possível cooperação em um sistema de defesa antimíssil conjunto, no entanto, sem obter resultados concretos (LENNOX, 2010).

Quatro dias após a divulgação do documento do Departamento de Defesa dos EUA já citado no presente artigo, o presidente Medvedev aprovou uma nova doutrina militar, que regulava, diante da potencial expansão do escudo antimíssil da OTAN, a possibilidade de emprego de armas nucleares em resposta a artefatos nucleares ou outras armas de destruição em massa contra o seu território ou seus aliados, assim como no caso em que o emprego de ogivas convencionais contra

a Federação Russa coloque em perigo a existência do Estado russo (TUDOR, 2010). Seria a volta da distante “Guerra Fria”?

A hospedagem de instalações do sistema de defesa antimíssil patrocinada por Washington em alguns países europeus tem suscitado algumas reações internas, interesses econômicos na venda de sistemas antiaéreos estadunidenses e expectativa de autodefesa própria por parte de alguns deles.

Em 20 de agosto de 2008 foi assinado um acordo entre os EUA e a Polônia para a instalação de um escudo antimíssil no território polonês. O memorando de entendimento previa o fornecimento pelo primeiro de um auxílio militar caso os poloneses viessem a ser atacados por um inimigo estrangeiro, além de promover um programa de modernização do exército da Polônia, equipar com mísseis *Patriot* o seu sistema nacional de defesa e alocar permanentemente tropas americanas no país (ZAGO, 2008).

No princípio das negociações, havia movimentos contrários à presença estrangeira dentro das fronteiras da Polônia. Tal fato foi propagado por alguns grupos internos como um ultraje à soberania nacional. Todavia, a percepção de que a ameaça russa era uma realidade emulou manifestações de apoio ao tratado. A ofensiva russa à Geórgia, no entanto, transformou esse quadro. Os 20% de poloneses que anteriormente eram favoráveis ao escudo antimíssil elevaram-se para 65% após o início da guerra do Cáucaso. Assim sendo, a finalização do acordo ocorrido cinco dias após esse conflito possui estreita ligação com sua belicosidade.

<sup>14</sup>Organização do Tratado do Atlântico Norte.

<sup>15</sup>Active Layered Theatre Ballistic Missile Defense (Defesa Antimíssil Balístico Ativo por Camadas do Teatro).



É interessante notar as reações à possibilidade de expansão da indústria bélica norte-americana na Europa por conta do estabelecimento do escudo. A Itália se mostrou seriamente preocupada contra a evaporação das suas perspectivas industriais próprias diante do sistema MEADS<sup>16</sup> e tem se mostrado tímida em apoiar a empreitada estadunidense (TIGNER, 2012).

Já a Turquia busca compensações econômicas dos EUA em resposta ao apoio concedido à consecução do escudo antimíssil. Diante do seu programa interno de aquisição de um sistema antiaéreo de longo alcance, denominado T-LORAMIDS<sup>17</sup>, assinou com representantes norte-americanos um contrato para que a companhia turca Roketsan se tornasse a fornecedora global das seções de controle do sistema *Patriot PAC-2*<sup>18</sup> e dos tubos de lançamento dos mísseis do sistema PAC-3 (LARRINAGA, 2012). O programa foi iniciado em 2007 e havia uma grande expectativa por parte dos EUA de conseguir uma venda bilionária para as Forças de Defesa turcas. O T-LORAMIDS sofreu vários atrasos diante da indefinição das autoridades turcas na compra dos sistemas antiaéreos propostos (o americano *Patriot*, o europeu *Aster 30 SAMP-T*, o russo *S-300* e o chinês *HQ-9*).

Segundo Sariibrahimoglu (2012), em 21 de novembro desse ano de 2012, em virtude da crise síria, a Turquia fez uma requisição formal à OTAN para o desdobramento de sistemas *Patriot* ao longo de 910 km de fronteira com aquele país. No dia 18 de dezembro de 2012, as primeiras baterias *Patriot* começaram a desembarcar em território turco.

Foi publicado em 30 de janeiro de 2013, de forma inesperada, que o governo turco havia decidido desistir da compra de sistemas de defesa antiaérea para o T-LORAMIDS, tendo em vista o objetivo de adquirir tecnologia própria para a produção de sistemas de mísseis de longo alcance a partir de uma coprodução em território nacional com uma das empresas fornecedoras que se encontravam competindo no programa turco.

Em notícia muito recente, publicada no último dia 26 de setembro, foi confirmado o vencedor do programa T-LORAMIDS: para surpresa geral, o sistema chinês de longo alcance *HQ-9*. A Turquia optou pela oferta menos custosa. O *HQ-9* custou cerca de 3 bilhões de dólares e o fabricante (a empresa CPMEIC) aceitou coproduzir o sistema com os turcos, conforme havia sido solicitado na proposta.

Tal fato evidencia que a influência estadunidense na Europa no contexto da proposta do escudo antimíssil não é tão significativa como se esperava e que somente o futuro dirá se a concepção inicialmente planejada pelos EUA vingará.

### 2.3 A defesa antimíssil israelense

O Estado de Israel é, nos dias atuais, o país com maior experiência de emprego real em combate de sistemas de defesa antimísseis, assim como possui um planejamento operacional para a utilização desses vetores bem ajustado às suas potenciais e variadas ameaças aéreas nas diversas faixas do seu espaço aéreo.

Os Estados Unidos e Israel possuem um longo histórico de cooperação no

<sup>16</sup>Medium Extended Air Defence System.

<sup>17</sup>Turkish Long Range Air and Missile Defence Systems.

<sup>18</sup>Patriot Advanced Capability.

desenvolvimento e pesquisa de assuntos relativos à defesa antimíssil de longo alcance, a qual obteve resultados profícuos, a saber, por exemplo, o emprego do sistema de interceptação *Arrow*.

Ambos os países planejaram expandir o número de camadas de interceptação de vetores aéreos inimigos de dois para cinco até o ano de 2011. No ano de 2008, a defesa antimíssil israelense compreendia o sistema BMD *Arrow* para a faixa do espaço aéreo mais elevada e o sistema *Patriot PAC-2* para a mais baixa. Com o objetivo de cobrir “buracos” entre essas camadas diante de ameaças que navegavam em inúmeras altitudes diferentes dentre elas, as autoridades militares israelenses decidiram por incluir mais três camadas em seu “guarda-chuva” antiaéreo: a mais alta a ser defendida pelo sistema *Arrow 3* (versão mais atualizada) e as outras duas inferiores, destinadas a interceptar foguetes de alcance intermediário, serão cobertas pelos sistemas *David’s Sling*<sup>19</sup> e *Iron Dome* (BEN-DAVID, 2008).

O investimento em tão sensível tecnologia que permite aos sistemas acima mencionados interceptar várias ameaças em distintas altitudes atinge cifras expressivas. Os EUA já se comprometeram com 486 milhões de dólares para adquirir e empregar os *Iron Dome*, com mais um aporte de 220 milhões para o ano de 2014. A quantia de 100 milhões de dólares também será empregada para apoiar os programas conjuntos dos sistemas *Arrow 3* e *David’s Sling* (OPALL-ROME, 2013).

Os inimigos do Estado de Israel continuam a demonstrar força através da

propaganda acerca do desenvolvimento de novos sistemas de mísseis e foguetes de alcances variados, bem como das campanhas de lançamento desses artefatos. O Irã, inimigo israelense com maior capacidade de dissuasão de longo alcance, divulgou a realização de um exercício militar de três dias de duração, denominado *Great Prophet 7*, no qual realizou o lançamento de inúmeros mísseis balísticos e foguetes de alcance variados, incluindo o temido MRBM<sup>20</sup> *Shahab-3*, cujo alcance pode atingir até 2.000 km. O evento foi um claro recado para os EUA de que suas bases aéreas presentes nos países aliados no Oriente Médio poderiam ser atingidas.

O Irã e a Síria assinaram um tratado de cooperação estratégica para o desenvolvimento de linhas de produção dos foguetes de longo alcance *Zelzal 2* e *Fateh-110* em território sírio. Além disso, ambos os países pretendem fabricar mísseis de cruzeiro *Kh-55 Raduga (AS-15 Kent)* no intuito de dificultar ainda mais as defesas antimísseis israelenses, já que esse tipo de vetor aéreo navega a baixa altitude.

Os Estados Unidos estão buscando aumentar a sua esfera de influência no Oriente Médio para o estabelecimento de sítios de defesa antimíssil através de alianças regionais e acordos bilaterais com governos de países daquela região. No Golfo Pérsico, os norteamericanos já possuem uma presença de defesa antimíssil e buscam fortalecer a cooperação com os membros do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC)<sup>21</sup>. Alguns países da região estão explorando as aquisições de capacidade de BMD mediante o programa

<sup>19</sup>“A Funda de Davi”.

<sup>20</sup>Medium-Range Ballistic Missile (Míssil Balístico de Alcance Intermediário)

<sup>21</sup>Gulf Contributing Countries.



estadunidense de vendas militares estrangeiras (FMS)<sup>22</sup>. Os Emirados Árabes Unidos e outros governos compraram sistemas *Patriot* ou estão considerando adquirir sistemas antimísseis balísticos.

## 2. 4 Defesa antimíssil na Ásia

Paralelamente ao recrudescimento de tensões e demonstrações de poder relativos à questão da defesa antimíssil na Europa e Oriente Médio, a Ásia tem ganhado crescente importância geopolítica no campo militar. No que se refere aos debates da defesa antimíssil, há alguns aspectos a serem considerados: o referido continente possui históricos contendores com capacidade nuclear (Índia e Paquistão), a ascensão econômico-militar da China e a sua aproximação com a Rússia, a dissuasão nuclear propagada abertamente pelo governo ditatorial da Coreia do Norte e a priorização da política externa estadunidense de fomentar o aumento da sua influência no sudeste asiático para contrabalancear o poderio chinês através do fortalecimento da cooperação e de programas de desenvolvimento conjuntos com o Japão e a Coreia do Sul.

A Coreia do Norte continua sendo considerada pelos EUA como um dos integrantes do “Eixo do Mal” e tem perpetrado ações dissuasórias contra aquela grande potência. Em agosto de 2012 foi veiculado por parte de publicações militares especializadas que fontes de inteligência descobriram que engenheiros e técnicos norte-coreanos estariam instalados em território sírio com o objetivo de auxiliar esse país do Oriente Médio a atualizar e modernizar os ICBM *Scud-D*, de modo a conferir-lhes a capaci-

dade de manobrabilidade para a reentrada na atmosfera (HUGHES, 2012).

Além disso, no início do mês de abril do ano de 2013, o movimento realizado por Pyongyang de, pelo menos, dois mísseis balísticos de longo alcance KN-08 para a costa leste da Coreia do Norte, provocou a escalada do nível de tensão na região. A Coreia do Sul, preventivamente, deslocou dois destróieres da classe *Sejong Daewang*, equipados com o sistema de gerenciamento de batalha *Aegis*, para monitorar potenciais lançamentos vindos do norte.

Poucos dias mais tarde, os EUA desdobraram uma bateria do sistema THAAD em Guam em resposta à continuidade da ameaça por parte do governo norte-coreano. Esse clima de constante instabilidade na península coreana tem contribuído para a conscientização dos governos dos países historicamente aliados dos norte-americanos da urgência de adquirirem sistemas de defesa antimísseis capazes de interceptar os vetores aéreos inimigos daquele país setentrional da península coreana.

O Japão é um dos mais próximos parceiros dos EUA no que se refere ao estabelecimento de uma BMD. Juntamente com a Agência de Defesa Antimíssil estadunidense (MDA)<sup>23</sup>, o Japão está auxiliando aquele órgão no desenvolvimento da nova geração do sistema de mísseis *Standard* (versão *Block 2A*), o qual possibilitará a defesa de áreas maiores contra ameaças ainda mais sofisticadas (WEITZ, 2013). Ambos os países recentemente concordaram em construir um novo sítio de radar da banda X na base aérea nipônica de Shakiri, situada ao norte do país.

<sup>22</sup>Foreign Military Sales

<sup>23</sup>Missile Defence Agency.

Esse sensor possibilitará o fornecimento de um alerta muito antecipado no sentido de apreender mísseis balísticos de Pyongyang ou mísseis de cruzeiros chineses e repassar dados de engajamento precisos para a interceptação a partir dos modernos sistemas de mísseis.

A Coreia do Sul também constitui um dos aliados estadunidenses no continente asiático e tem contribuído com Washington no desenvolvimento de capacidades BMD. Seul adquiriu belonaves dotadas do sistema *Aegis*, radares de alerta antecipado e baterias *Patriot* e manifestou interesse em sistemas de defesa antimísseis terrestres e marítimos. Os sulcoreanos declinaram a compartilhar seus meios BMD com outros países através de uma arquitetura integrada em rede por temor de gerar antagonismos com a China, a qual se receia de que os EUA estejam utilizando o discurso da defesa antimíssil como um meio para cercá-la com alianças bilaterais com alguns de seus vizinhos.

A China, por sua vez, também tem investido em desenvolvimento de capacidades BMD. Através da sua agência de notícias Xinhua, o país divulgou que, no dia 27 de janeiro de 2013, foi lançado um míssil de interceptação de médio alcance em um teste sobre o seu território. A mesma nota de imprensa ressaltava que se tratava de um segundo teste e que o primeiro fora realizado em janeiro de 2010, no qual um alvo B-611 fora interceptado a 250 km de altitude por um míssil *SC-19*.

Embora o país asiático revele poucos detalhes referentes às suas pretensões em termos de tecnologia de defesa antimísseis, fontes militares asiáticas estimam que a China deva ter uma capacidade BMD nacional somente na metade da década

de 2020. Imagens de satélite revelaram que existem antenas de um radar moderno de longo alcance no campo de provas de Korla. Fontes chinesas mencionaram a existência de um sistema denominado *HQ-26*, o qual teria sido concebido para desempenhar capacidades similares ao sistema estadunidense *Raytheon SM-3* (FOSTER; GOODLAD, 2013).

De acordo com Hardy (2013), a China tem reagido calmamente diante dos planos de Washington em aumentar o número de sistemas BMD na região Ásia-Pacífico. Segundo o repórter, o Ministro das Relações Exteriores da China, Hong Lei, teria afirmado em uma conferência realizada em março deste ano: "a questão antimíssil tem uma relação direta na estabilidade e equilíbrio regional e global. Ações tais como o fortalecimento da defesa antimíssil intensificará antagonismos e não ajudará a encontrar uma solução para o problema".

### 3. CONCLUSÃO

O presente artigo científico pretendeu esboçar um panorama bem atualizado das variáveis que influem no jogo de poder do cenário internacional no que se refere ao estabelecimento de uma defesa antimíssil conjunta. Em que pese o papel preponderante dos EUA em estabelecer alianças regionais ou bilaterais para a promoção dos seus objetivos estratégicos, torna-se interessante também verificar a motivação dos países hospedeiros da infraestrutura necessária à consecução de uma BMD eficiente, tais como: aspirações políticas de seus governantes, interesse no desenvolvimento da indústria de defesa interna, real proteção contra ameaças iminentes, intensificação da capacidade dissuasória



em âmbito interno, cuidado para não provocar antagonismos com grandes potências militares, entre outras.

O desenvolvimento de tecnologia no estado da arte, tanto para utilizar mísseis de longo alcance de forma defensiva como ofensiva, deve evoluir bastante no presente século, tornando-se mais um fator complicador para o estabelecimento de um equilíbrio de forças no sistema internacional e aumentando a questão do dilema de segurança.

As tensões históricas existentes entre o Estado de Israel e seus inimigos circunvizinhos, bem como a ascensão da China no campo militar e a sua aproximação com a Rússia indicam que cada passo das grandes potências com relação ao fortalecimento e expansão das suas defesas antimísseis deverá ser bem estudado e evidenciado de forma transparente, caso contrário, tenderão a provocar tensões crescentes, uma escalada de crises ou até mesmo um conflito de grandes proporções.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S. Os cinquenta anos da crise dos mísseis em Cuba. **Mundorama – Divulgação Científica em Relações Internacionais**, Brasília, 17 dez. 2012. Disponível em: <<http://mundorama.net/2012/12/17/os-cinquenta-anos-da-crise-dos-misseis-em-cuba-por-johny-santana-de-araujo/>>. Acesso em 18 set. 2013.

DAVID-Ben. Israel develops comprehensive defences against varied missile, rocket threats. **Jane's International Defence Review**, Londres, jan. 2008. p. 60-4.

FOSTER, Robert; GOODLAD, Ben. US, China test BMD capabilities. **Jane's De-**

**fence Weekly**, Londres, 6 fev. 2013. p. 23.

HARDY, James. China cool on US BMD plans for Asia Pacific. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 27 mar. 2013. p. 16.

HARDY, James; PUCCIONI, Allison. North Korea "moving missiles" to east coast. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 10 abr. 2013. p. 5.

HUGHES, Robin. North Korea aiding Syria to upgrade Scud D. **Jane's International Defence Review**, Londres, ago. 2012. p. 25.

KOZIN, V. P. NATO and Russia square off over US BMD. **Jane's International Defence Review**, Londres, jul. 2007. p. 28-9.

LARRINAGA, Nicholas de; SARIIBRAHIMOGLU, L. Turkey abandons USD 4 billion T-Loramids SAM system buy. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 30 jan. 2013. p. 5.

LARRINAGA, Nicholas de. US inks Roketsan deal in bid to boost T-Loramids offering. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 20 jun. 2012. p. 10.

LENNOX, Duncan. US turns attention to regional BMD threats. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 24 fev. 2010. p. 24.

OPALL-ROME, Barbara. Israel building up rocket response, early warning. **Defence News**, Springfield, 16 maio. 2013.

SARIIBRAHIMOGLU, Lale. Turkey to buy and co-develop T-Loramids SAM. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 27 mar. 2013. p. 8.

\_\_\_\_\_. NATO Patriot deployment derails Turkish T-Loramids decision. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 9 jan. 2013. p. 13.

\_\_\_\_\_. Turkey requests NATO Patriot deployment. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 28 nov. 2012. p. 5.

TIGNER, Brooks. Launch control. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 8 fev. 2012. p. 24-9.

\_\_\_\_\_ . Russia ramps up anti-BMD shield rhetoric. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 30 nov. 2012. p. 4.

TUDOR, Radu. Romania provides more details on US BMD deal. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 17 fev. 2010. p. 14.

US Department of Defense. **Ballistic Missile Defense Review Report**, fev. 2010.

WASSERBLY, Daniel. NATO Patriot air defence assets begin arriving in Turkey. **Jane's Defence Weekly**, Londres, 2 jan. 2013. p. 13.

WEITZ, Richard. US dictates the geopolitics of global missile defence. **The Diplomat – McClatchy-Tribune News Service**, Bangkok, 3 maio. 2013. Disponível

em: <<http://www.nationmultimedia.com/opinion/US-dictates-the-geopolitics-of-global-missile-defe-30205263.html>> Acesso em: 28 set. 2013.

ZAGO, E. F. Interação doméstico-internacional na decisão polonesa de acordar pelo recebimento de escudo antimíssil. **Mundorama – Divulgação Científica em Relações Internacionais**, Brasília, 25 set. 2008. Disponível em: <<http://mundorama.net/2008/09/25/interacao-domestico-internacional-na-decisao-polonesa-de-acordar-pelo-recebimento-de-escudo-antimissil-por-evandro-farid-zago/>> Acesso em: 20 set. 2013.

---